

## APRESENTAÇÃO

Em uma revista dedicada às relações de Portugal com o Extremo-Oriente, não poderíamos deixar de prestar homenagem ao trabalho do Padre Joaquim A. Guerra, que permite finalmente a leitura em português dos principais textos clássicos chineses.

O Pe. Guerra é um dos maiores dentre os sinólogos que há ou houve no Ocidente e sua obra dispensa apresentação entre os interessados em assuntos chineses, seja pela extensão dos conhecimentos da língua e pela fidelidade das traduções, seja pela originalidade inquietante de suas teorias lingüísticas e filosóficas. Para este número especial da revista **Estudos Portugueses e Africanos**, solicitamos ao autor um depoimento sobre sua vida de tradutor e missionário católico na China, que ele teve a bondade de nos remeter e que transcrevemos.

## OS CLÁSSICOS CHINESES VERTIDOS EM PORTUGUÊS - UM TRABALHO DE BASE

Pe. Joaquim A. Guerra, S.J.

De 23 a 29 de Novembro de 1970, reuniu-se, em Manila, a 1a. Conferência dos Bispos da Ásia Oriental, cujas Resoluções foram oportunamente divulgadas.

Dizia a 13a. "Comprometero-nos a fazer o possível para que a vida e mensagem do Evangelho se incarnem mais e mais nas Culturas históricas e tão ricas da Ásia".

E Paulo VI, na Sua Mensagem de 28 de Novembro, dirigida à Conferência, citou as palavras do Decreto Conciliar "Ad Gentes" (AG, 16-18): "A evangelização deve-se adaptar à maneira particular de pensar e agir dos povos a que ele se dirige"

No dia seguinte, falando aos povos da Ásia, disse também o Papa:

"A Igreja, sendo essencialmente Católica, não pode alhear-se de nenhuma nação ou povo, tendo que se naturalizar ou adaptar a todos os climas, culturas e raças. Onde quer que a Igreja chega, enraiza-se profundamente no solo espiritual e cultural da região, assimilando tudo o que há nela de genuíno valor".

Aquilo era um toque de clarim; e eu avancei! Por Deus, pela Igreja e pela Pátria, até se morre!

Era eu um missionário veterano da China, desde 1933. Só que tinha andado por longe uns bons 15 anos, tendo acabado de regressar a Macau, quando li o que fica dito. Nesse longo intervalo, até fui mobilizado para a América Latina, em Missão de Emergência. Durante dois anos e meio, percorri muitas dessas nações, mas particularmente o Brasil, de alto a baixo e de lés a lés. Vim de lá mesmo Brasileiro, com um pergaminho de Cidadão do Município de Pacaerbu na Alta Paulista, que muito me honra.

Tornado a Portugal, já me esperava a cadeira de Professor de Chinês, no Instituto de Línguas Africanas e Orientais (ILAO) de Lisboa. Fui eu a inaugurar essa Cadeira; e ensinei lá 5 anos. Não que eu soubesse muito Chinês; mas não encontraram outro; e nessas circunstâncias, aceitei de boa vontade, por amor de Portugal e da China. Aqui, será bom dizer que, se alguém quis aprender Chinês, para falar e escrever como qualquer bom Chinês, esse fui eu. Mas os caminhos de Deus não deram para isso. Ora, no caso, essa minha desvantagem ia tornar-se vantagem; pois se Deus queria o trabalho feito, Ele compensaria, fazendo milagres onde fosse necessário. E foi mesmo o que se viu!

Versões portuguesas dos velhos Clássicos de Confúcio, não as havia, salvo poucos fragmentos. E agora aí estão todos traduzidos e publicados. O meu trabalho iniciou-se em 1972, para findar a 3 de Setembro de 1987, há 3 meses. Por sinal, nesse dia, 54 anos atrás, deixara eu Portugal, rumo à China, para onde apontava a minha Estrela Missionária, desde os 12 anos! Sim, apenas entrei no Seminário, em 1920, tive esse chamado, no fundo da alma e bem definido. Desde então fui um "mago" do Ocidente, a caminho do Oriente, concretamente da Missão de Shiu-Hing, a primeira Missão Católica, fundada pelos Jesuítas Ricci e Ruggieri, com base em Macau.

Aquela Estrela Missionária havia de inspirar e guiar toda a minha vida, a partir de então. Belo ideal, não há dúvida! Não há como ter um belo ideal na vida, e sentir-se ao serviço de Deus e dos homens.

As traduções foram-se aprontando, Clássico por Clássico, segundo consta do meu Diário, e vai saber-se por um livrinho intitulado "MISSÃO CUMPRIDA", de preparação já adiantada.

O meu trabalho pessoal era esse. Porém, a edição dum livro exige também alguém que a pague, bem como os custos da distribuição ou venda. Mas aí contava eu com Deus. E o Mecenas apareceu, na hora oportuna. Em Abril de 1978, indo a ausentar-me para uns Congressos com longa demora, dignou-se o então Governador de Macau, Coronel José Eduardo Martinho Garcia Leandro, convidar-me para jantar na sua Residência. Aí, numa conversa amigável e desprestenciosa, diz-me o Senhor à queima-roupa: "Eu sei o que o Pe. Guerra está fazendo. O Governo é que vai custear essas edições" Vejam só! Claro que me desfiz em agradecimentos, ao Sr. Governador, e ao Grande Patrão do Céu.

Com essa luz verde pela frente, as edições arrancaram e continuaram:

O LIVRO DOS CANTARES saiu do prelo em 1979. As ESCRITURAS SELECTAS em 1980. Um volumoso Dicionário Chinês-Português, de Análise Semântica Universal, foi publicado em 1981, passando a ser um excelente instrumento de trabalho para qualquer tradução. Seguiram-se as QUADRAS DE LU E RELAÇÃO AUXILIAR em 5 volumes. O 1º volume foi ainda custeado pelo Governo, em 1981. Os outros 4 volumes, editados em 1983, como as obras a seguir, foram por conta da Província Macau-Hongkong da Companhia de Jesus. No primeiro semestre de 1984, imprimiu-se a série NA ESCOLA DE CONFÚCIO em 3 volumes: I. QUADRIVOLUME DE CONFÚCIO (Diálogos, Escola de Governo, Harmonia Perfeita, Piedade Filial), II. OBRAS DE MÂNCIO. III. LIVRO DAS MUTAÇÕES.

Outra obra, esta em Inglês, "STRUCTURAL SEMANTICS" fôra impressa em 1980, e enviada a Professores de Linguística Geral de todo o mundo, para lhes dar a conhecer a Chave de Análise Semântica para todas as línguas, que eu tinha descoberto e vinha estudando desde 1972 à base do Chinês Alfabético. Uma descoberta fantástica! O futuro o dirá. Chama-se "Chave-Quase". Ela nos diz o que significam os nomes Deus, Dio, God, Gott, Theen (em Chinês), Yahveh, Yehovah, bem como os nossos nomes pessoais e de família, as palavras comuns dos nossos Dicionários; porque é que dizemos Comer, os latinos Edere, os ingleses Eat, os franceses Manger; e sabe a todos bem! O meu Dicionário, mencionado há pouco, destina-se primariamente a uma Análise Semântica.



Em Setembro de 1986 imprimiu-se mais uma obra em Inglês, "SUNDRY TEXTS", patrocinada pelo Instituto Cultural de Macau, ou seja, novamente pelo Governo do território.

Destinava-se esta a Mestres do Mundo Chinês (China, Japão, Coreia, Vietnam) e a Sinólogos, chamando-lhes a atenção para a triste situação dos Clássicos Chineses, já pouco lidos porque mal entendidos (isso que antes o povo os sabia de cor!). Foi o caso que a 4 de Maio de 1919, houve um terreroto cultural na China, que foi o parto do Partido Comunista. "Abaixo com a barraca de Confúcio!" gritou-se nesse dia desvairadamente. Muitos intelectuais, formados nas Escolas do século anterior, tinham saído delas agnósticos. E de agnóstico a comunista, é só um passo, disse Mao Tse-tung.

Nesse livro, que publiquei, estudam-se centos de textos do Livro dos Cantares, em que a minha versão difere consideravelmente da versão inglesa do Pastor James Legge, zeloso Missionário em Hongkong nos meados do século passado, versão que corre mundo, aproveitando-se dela os próprios chineses ao escreverem em inglês. Em Sundry Texts vêm os textos originais chineses, com a versão de Legge e a minha (passada a inglês) para bem ajuizar quem puder e quiser. A edição traz a biografia de James Legge, seguida da minha própria, sobrepondo-se as duas estranhamente, a cem anos de diferença: Legge Pastor, e eu Sacerdote Católico; Legge, tradutor de todos os Clássicos Chineses em Inglês, e este Pe. Guerra, tradutor também de todos esses Clássicos em Português; Legge, o 1º Professor de Chinês em Oxford, e eu, 1º professor de Chinês no ILAO de Lisboa.

E lá digo, para todos os leitores interessados: o problema dos textos deturpados ou mal entendidos por Mestres Chineses e Sinólogos, encontra-se em todos os mais Clássicos, pondo eu os meus livros à disposição de quem quiser servir-se deles para edições mais fiéis na sua própria língua.

Por fim, neste ano corrente de 1987, publicou-se a PRÁTICA DA PERFEIÇÃO (em Chinês, Tou-Tak-Keng), generosamente patrocinada pelo Sr. Comendador Alberto Dias Ferreira, obra de excepcional impacto, que está a ser saudada por todos os meios religiosos que já a receberam, Comunidades, Casas de Retiros e pessoas individuais. Só para evitar confusões lhe não chamei CAMINHO DA PERFEIÇÃO, que o título original dava para isso. É certamente um livro para fazer companhia ao de Santa Teresa.

A Prática da Perfeição, antigamente atribuído a um Mestre (Laotse) contemporâneo de Confúcio (Século 5º antes de Cristo), é certamente séculos posterior, dizer modernamente os Mestres Chineses. Aliás, aquele mestre é chamado Laotem, não Laotse, pelo próprio Confúcio, nas suas relações com ele. E Chuangtse (Teaoptsi) que morreu em 275 antes de Cristo, nunca faz menção do livro, se bem que ele é tido como o maior discípulo da Escola Tauista. Vim eu a descobrir que o autor desta obra excepcional foi Mah Yong, nascido no 1º século da era cristã e afastado Mestre ao longo do século 2º. Com isso pode dar-se razão do conteúdo bíblico e mesmo Evangélico da obra, pois nessa altura já havia Missionários em todo o mundo, enviados pelos Apóstolos

aonde eles não podiam ir pessoalmente.

O último Clássico chinês a ser traduzido por mim foi o CERIMONIAL (em chinês, LeiKy), que também se podia chamar Manual de Civilidade ou Manual das Relações Sociais. Livro admirável, retrato vivo da vida social da antiga China até aos nossos tempos. Esteve sempre fora do meu programa, até porque o livro não se encontrava nas livrarias, em parte sinal da época de liberdade, senão licenciosidade, em que se afunda o século 20. À medida que o fui traduzindo, fui-o apreciando mais e mais, como o fará certamente o melhor da sociedade em qualquer país onde for bem traduzido. Sairá em 3 volumes, estando já publicado o 1º, desde o fim de Outubro, e os outros dois no prelo.

Ponho a seguir uns respigos do 1º volume, para apreço dos leitores:

"Homer berr educado humilha-se, e honra os outros. Mestre que o outro seja um vendilhão, ter que se respeitar"(1,6).

"Os povos aborígenes da China (que os Chineses cá vieram encontrar) têm todos a mesma lei natural. Não se poder empurrar, nem deslocar" (5,25).

"Os pobres do Povo de Deus, sem ninguém a quem recorrer, receber todos a sua corrida diária" (5,39).

"É preciso ser bom filho, para depois ser bom Pai; saber servir as pessoas, para depois poder mandá-las"

"O Imperador aos Príncipes Feudais: Tratai bem os velhinhos e as crianças, no Colégio Oriental. Isto fareis sempre até ao fim, com desvelo e carinho" (8,14).

"As relações começam certamente em Deus, donde vêm para o mundo." (9,19).

"O emprego das pessoas tem que ser às boas, e de acordo" (9,23).

"O amor mútuo é a base do bem comum... As relações humanas são o fundamento da justiça e do bem público" (9,21)

"Falar verdade e promover a paz é o que se chama o interesse do homem" (9,13)

"É com fé que se tratam os homens... Casa-se com pessoa de apelido diferente, para aproximar os de longe, e prestigiar as diferenças" (11,21).

Os chamados Clássicos chineses são meia dúzia de obras de pequeno volume, mas de profundo conteúdo, fonte perene onde o povo chinês e os seus vizinhos hauriram, ao longo de milhares de anos, inspiração e força para uma vida religiosa, social e política que, através de Macau, assombrou a Europa, e ainda caracteriza o mundo chinês de hoje.

Antes de acabar, e por amor da verdade, devo dizer agora que a minha tarefa com o Clássicos chineses teve azares consideráveis, como aliás é típico das obras de Deus.

Correçou por ser um trabalho de surpresa, visto que eu nunca tinha pensado nisso, até por não me sentir com preparação suficiente, como já disse. Foi a Editorial VERBO de Lisboa que, em janeiro de 1973, me pediu para colaborar com algu-

mas traduções de Clássicos Chineses, para uma vasta Enciclopédia Cultural de âmbito mundial, em 200 volumes. Com muito gosto!, disse eu espontaneamente, por devoção a Portugal e à China, sem imaginar as dificuldades que isso comportava.

Chegado que fui a Macau, tratei logo de assegurar a participação de pessoas competentes, como eram o Sr. Cônego André Ngán e o Sinólogo Luís Gomes. Ora, ambos se recusaram, dizendo: "Esse alto estilo clássico não é para mim". "Nesse caso, muito menos para mim" foi a minha conclusão. E pus o trabalho de lado. Não fosse o Clarim dos Bispos reunidos na Conferência de Manila, por ali tinha ficado tudo.

Outro azar surgiu da "abrilada" de 1974, que pretendeu vibrar um golpe mortal nas Edições VERBO. Estas, mesmo assim, aguentaram-se. Não puderam, porém honrar todos os compromissos que tinham, e pediram-me se me aviava por outra via.

Essa via abriu-ra Deus inesperadamente, e com a Sua Providência contei eu sempre.

Para terminar, eis o teor do telegrama que recebi em Macau, a 26 de fevereiro, do meu amigo Dr. António da Cruz Rodrigues, Director da revista RESISTÊNCIA: "Calorosas Felicitações Publicação Livro dos Cantares. Grande Honra Cultura Portuguesa. Estaros Interessados Exclusivo Distribuição Portugal".

Tal aceitação do primeiro livro era bem animadora. Posteriormente pude verificar que a aceitação e colaboração de amigos no Brasil não ficava atrás.

Por outro lado, se a Administração anterior do Território de Macau tinha posto as minhas edições em órbita, a nova Administração do Governador Sr. General Melo Egídio, só lhes dava aceleração. O meu plano de traduções continuava apoiado, inclusivamente com verbas para a expedição dos livros com destino a Portugal e ao Brasil e portes de Correio. Bem tinha escrito o Coronel Garcia Leandro, no seu Despacho, a 20 de Dezembro de 1978: "Julgo que esta proposta tem um elevado alcance cultural, pelo que o Governo apoia a iniciativa, e suportá-la-á no todo ou em parte".

O mesmo Governador, Sr. General Mello Egídio, autorizou-me a vir trabalhar em HongKong, onde encontrei maiores facilidades, inclusivamente um tipógrafo amigo e de grande competência, empenhado em colaborar comigo nesta obra de promoção cultural.

Com grande estranheza minha, ia receber a 10 de Junho, Dia de Camões, uma honrosa Comenda concedida pelo Sr. Presidente da República, sob proposta do Sr. Governador. No dia da festa, quando o Sr. Governador me dava os parabéns, disse-lhe eu: "Sr. Governador, por tão pouco! Só por um livro!" "É para que publique mais", disse o Sr. General.

Hong Kong, 3 de Dezembro de 1987. Festa de S. Francisco Xavier.